



EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: TRAJETÓRIA RECENTE E DESAFIOS

Jacques Marcovitch¹
Alexandre Macchione Saes²

Received on: 08/06/2019 / Approved on: 15/11/2019
Responsible editor: Profa. Dra. Vânia Maria Nassif
Artigo (Opinião) convidado
Doi: <http://dx.doi.org/10.14211/regepe.v9i1.1776>

Nas duas últimas décadas, os termos empreendedor e empreendedorismo tornaram-se jargões comuns nos mais diversos ambientes: do tradicional olhar acadêmico entre economistas e administradores, mas hoje também como parte das agendas políticas e dos projetos de vida dos cidadãos. A ampla disseminação dessa noção do indivíduo como ator econômico, com disposição e iniciativa inovadora, inseriu a noção de empreendedorismo como máxima para a construção de projetos de vida e, inclusive, como instrumento para se pensar as possibilidades de desenvolvimento econômico e social.

Diante o crescimento da demanda social pelo maior conhecimento e estímulo ao desenvolvimento de projetos voltados ao empreendedorismo, iniciativas de educação empreendedora emergiram nos últimos anos. Ao associar essa demanda ao ambiente de reformulação da estrutura do ensino fundamental, médio e técnico, a educação empreendedora passou a fazer parte da agenda do dia, como opção para promover temas e metodologias inovadoras em sala de aula.

Nesse sentido, a educação empreendedora se insere no debate sobre a reforma do ensino tanto no caráter dos novos temas requeridos pela sociedade, como também no sentido de incorporar práticas modernas de ensino e aprendizagem, em que o aluno deve assumir maior protagonismo na aprendizagem. Conforme a justificativa que fundamentou o Plano Estadual de Educação Empreendedora do Estado de São Paulo:

¹Faculdade de Economia Administração e Contabilidade - FEA/USP, São Paulo (Brasil). Email: jmarcovi@usp.br.
Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-6148-7735>

²Faculdade de Economia Administração e Contabilidade - FEA/USP, São Paulo (Brasil). Email: alexandre.saes@usp.br
Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-4274-1993>



O início do Século XXI é marcado pelos desafios de formação para cidadãos engajados nos contextos social, econômico e tecnológico, que exigem novas atitudes e valores frente aos cenários que se revelam para os estudantes da educação básica. O dinamismo da sociedade exige que esses estudantes possuam proficiências desenvolvidas em habilidades relacionadas ao empreendedorismo, atitudes e comportamentos inovadores, identificação e uso de oportunidades, trabalho em equipe, criação de projetos e atitudes e comportamentos que contribuam para o desenvolvimento da sociedade. (PEEE, 2018, p. 11).

Essa breve nota pretende não somente apresentar o desenvolvimento recente da educação empreendedora, dando especial atenção às iniciativas estabelecidas no Estado de São Paulo, como também lançar algumas questões sobre os desafios contemporâneos que devem pautar o desenvolvimento da educação empreendedora para os próximos anos.

Educação Empreendedora: Iniciativas e Recentes Conquistas

Em 2015, o Estado de São Paulo deu um passo concreto no sentido de instituir um plano de educação empreendedora em sua rede de ensino. Por meio da Lei 15.693/2015, foi criado o Plano Estadual de Educação Empreendedora (PEEE), tendo como objetivo inserir a temática do empreendedorismo nas escolas de ensino fundamental, do ensino médio e técnico do Estado de São Paulo.

A lei foi fruto tanto de experiências prévias de projetos de ensino empreendedor existentes em alguns municípios do Estado de São Paulo, como também do trabalho da Frente Parlamentar do Empreendedorismo, que se beneficiou do apoio e das atividades de instituições parceiras, como o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza e o Sebrae-SP (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo).

O Centro Paula Souza tornou-se uma instituição fundamental para a disseminação da temática, por meio da inclusão de disciplinas de empreendedorismo no currículo da maioria de seus cursos. Outro passo fundamental para a multiplicação de ações voltadas aos empreendedores e às inovações foi a constituição, em 2010, da Agência de Inovação e Empreendedorismo, o Inova Paula Souza, órgão responsável da instituição por programas de incentivo à cultura de inovação e ao empreendedorismo. Entre



seus objetivos é possível listar, por exemplo, a ampliação da interação do Centro Paula Souza com empresas, a disseminação da cultura da inovação e de novos modelos negócios, como as *startups*, e, acima de tudo, a preocupação em aumentar o impacto da instituição no desenvolvimento econômico e social dos municípios do Estado de São Paulo.

Por outro lado, o Sebrae atua, desde 1972, como agente de capacitação e de promoção de ações voltadas ao desenvolvimento econômico, atendendo pequenos e médios negócios do país. Atualmente, a instituição não somente é responsável pelo desenvolvimento de inúmeras iniciativas voltadas ao empreendedorismo, como a Feira do Empreendedor, a Escola Superior de Empreendedorismo, como também por meio da Educação Empreendedora Sebrae que produz pesquisas, estudos, ferramentas, metodologias e materiais didáticos que foram fundamentais para a disseminação de experiências de ensino sobre empreendedorismo nos mais diversos municípios do Estado de São Paulo.

Importante registrar a parceria do SEBRAE-SP com a FEA/USP no planejamento e instalação da Exposição Pioneiros & Empreendedores no Palácio dos Campos Elíseos, focalizando a vida e o exemplo de 24 pioneiros na saga do desenvolvimento nacional e de mulheres que se distinguiram por seu papel inovador na sociedade brasileira. À grande mostra de objetos, fotos e documentos e linha do tempo, agregou-se um núcleo educativo sobre o empreendedorismo destinado a estudantes das escolas públicas.

Das iniciativas pioneiras de ensino que implantaram programas voltados ao empreendedorismo para o ensino fundamental e médio, vale destacar aqueles desenvolvidos nos municípios de São José dos Campos e de Santa Fé do Sul.

Em São José dos Campos, cidade que se destaca por ser sede de um dos mais importantes polos tecnológicos do Brasil, durante os mandatos dos prefeitos Emanuel Fernandes (1999-2004) e Eduardo Cury (2005-2012), foram desenvolvidas iniciativas voltadas para o ensino do empreendedorismo. Buscando inserir novos componentes curriculares nas escolas, as duas gestões municipais disseminaram a metodologia do Sebrae, a chamada “pedagogia empreendedora dos sonhos”, assim como o programa *Junior Achievement*. Como resultados, os programas puderam gerar amplos



ambientes para reunir as iniciativas desenvolvidas dentro das escolas como a Feira do Jovem Empreendedor Joseense, que era realizada anualmente, assim como com a construção do Centro de Educação Empreendedora (CEDEMP), que já atendeu mais de 100 mil jovens.

Na estância turística de Santa Fé do Sul, por sua vez, foi o prefeito Itamar Borges, atualmente deputado estadual e presidente da frente parlamentar do empreendedorismo, o responsável pela introdução do programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp), metodologia desenvolvida pelo Sebrae para as escolas do ensino fundamental. Com o programa e o lema “negócio se aprende na escola”, o município implementava novos conteúdos pedagógicos, atividades e jogos, priorizando a valorização da autonomia dos alunos por meio de atividades lúdicas para a tomada de decisões e desenvolvimento de habilidades e comportamentos empreendedores. Os indicadores educacionais depois da implementação do programa foram extremamente positivos, tanto pela redução da evasão escolar, como também pela conquista de ter a escola em 1º lugar no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), entre as escolas públicas de 1ª a 4ª série do Brasil em 2007.

Com a aprovação da Lei 15.963/2015, foi criada uma comissão técnica responsável pela criação das diretrizes do Plano Estadual de Educação Empreendedora. A comissão, nesse sentido, buscou desenvolver propostas que pudessem ser confrontadas com a realidade da Rede Estadual de Ensino e em consonância tanto com o currículo do Estado de São Paulo como com os princípios norteadores da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, Lei 9.394, de 1996. A cartilha da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo que divulga o Plano Estadual de Educação Empreendedora também traz um sintético material de apoio para a implementação do plano nos currículos da educação básica, detalhando seus seis objetivos e as cinquenta habilidades que devem ser trabalhadas com os alunos.

Conforme o documento, o plano tem como objetivo geral: “Formar estudantes com conhecimentos, habilidades e atitudes empreendedoras capazes de transformarem ideias em soluções inovadoras que poderão gerar benefícios e prosperidade para si e para sociedade, de modo a decidir sobre o futuro profissional e da localidade em que está inserido” (PEEE, 2018, p. 12).



A partir do objetivo geral, outros seis objetivos específicos são desenhados:

1. Sensibilizar o aluno a respeito do empreendedorismo e da carreira empreendedora;
2. Desenvolver atitudes, habilidades e comportamentos empreendedores;
3. Identificar e explorar oportunidades de negócio e de mercado de trabalho;
4. Criar projetos de empreendimentos inovadores;
5. Aprender a trabalhar em equipe;
6. Contribuir com o desenvolvimento da sociedade.

Conforme o detalhamento do plano, ao confrontar os objetivos e habilidades que compõe o plano, é visível a preocupação dos gestores de atuarem em duas direções. Se de um lado o Plano Estadual de Educação Empreendedora tornar-se um instrumento de disseminação de temas e problemas relacionados ao empreendedorismo, por outro lado, há um foco fundamental na construção de habilidades e na formação dos alunos. Nessa segunda acepção, o empreendedorismo é menos um sonho de autorrealização, de realização de trajetórias de sucesso individual, mas tornar-se um instrumento para a ampliação dos olhares dos jovens, colocando-os como protagonistas, como seres pautados com responsabilidade social.

Foi perseguindo essa segunda acepção que a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo passou a oferecer o Curso de Atualização “Pioneirismo e Educação Empreendedora”. Levando em conta os parâmetros estabelecidos pela Lei 15.693/2015, que cria o Plano Estadual de Educação Empreendedora, o curso é oferecido com duração de 30 horas, das quais 15 horas são presenciais e 15 a distância, tendo como objetivo contribuir para a formação de professores e educadores. Em 2017, o curso foi homologado pela Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Professores da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, sendo assim reconhecido como curso de formação por parte da secretaria.

Tendo como base a trilogia, “Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil”, o curso de atualização explora casos de



empresários consagrados na história do Brasil, enfatizando como as personagens enfrentaram e superaram os ambientes de adversidades para construir relevantes legados para a criação do futuro de toda a sociedade. Como atividade de conclusão do curso, os participantes devem apresentar projetos que viabilizem a disseminação da educação empreendedora, seja como estratégia metodológica ou forma de colocar em prática o tema do empreendedorismo, sempre com um olhar voltado para a realidade da escola, dos alunos ou da própria comunidade.

Como é possível observar, o tema da educação empreendedora tem sido bastante explorado, resultando em uma miríade de iniciativas. Vale lembrar, entretanto, que somente o Estado de São Paulo possui aproximadamente três milhões e meio de estudantes do ensino básico, distribuídos em cinquenta e uma mil escolas. Assim, ainda há muito trabalho pela frente para alcançar essa imensidão de jovens, como também trabalho no sentido de garantir uma reflexão sobre o empreendedorismo que possa não somente atrair o aluno para o processo de aprendizagem, mas especialmente, para pensar os desafios contemporâneos de nossa sociedade.

Educação Empreendedora e Desafios do Século XXI

A educação empreendedora, portanto, não obstante uma significativa quantidade de esforços e iniciativas é ainda um tema que está apenas trilhando seus primeiros passos no sentido de ser realmente incorporado à realidade do ensino básico. Mesmo sendo ainda uma semente que começa a fincar raízes, não há a menor dúvida de que o poder de mobilização e de atração que a temática do empreendedorismo possui nos dias de hoje, conforme as experiências já demonstraram, possui um grande potencial para implementação de novas práticas de ensino.

É nesse sentido que é válido tanto problematizar a noção do conceito de empreendedorismo – como hoje é bastante difundido na nossa sociedade –, como também necessário lançar alguns comentários sobre os desafios que se colocam para os empresários e os futuros empreendedores (como para toda a sociedade) nesse contexto de crise da economia e da política internacional contemporânea.



De um lado, ao problematizar o conceito de empreendedorismo, precisamos inserir o empresário em seu ambiente, como parte da sociedade e da conjuntura que lhe criaram oportunidades e o construíram historicamente. Os empreendedores são, portanto, parte de projetos nacionais construídos e reconstruídos ao longo de nossa história, partes de pactos firmados por toda a sociedade de geração em geração. Assim, retirando o foco do indivíduo, mas não negando toda sua importância como ator no desenvolvimento, torna-se possível compreender como cada momento histórico – por meio das transformações tecnológicas, dos aspectos políticos, da estrutura da sociedade e dos ciclos econômicos – abriu essas oportunidades, nas quais, então, alguns empresários souberam responder de maneira inovadora, assumindo a posição de empreendedores.

Hoje, vivemos uma nova conjuntura. Nacionalmente de desconstrução do último grande pacto firmado em torno da Constituição Cidadã de 1988. Internacionalmente de profundas transformações no campo da tecnologia e da própria organização da economia mundial. Nesse novo cenário, precisamos compreender como se desenha as possibilidades de futuro, tanto por conta dos desafios vislumbrados como pelas possíveis oportunidades que serão abertas. Quais são nossos novos horizontes de expectativas?

Avançando século XXI adentro, parece que infelizmente os desafios são crescentes e os projetos de futuro quase inexistentes. É preciso buscar urgentemente a construção de um novo projeto de desenvolvimento que se expresse coletivamente. Para tanto, ser pioneiro e empreendedor hoje é negar o seu sentido mais corriqueiro. Um empreendedor não pode ser um indivíduo que busca apenas soluções para sua autorrealização. O empreendedorismo nessa acepção virou um mito a partir dos casos dos Unicórnios e das Startups, mas não condiz com uma sociedade em que de um lado o desemprego é crescente (e deve agravar-se com o impacto da revolução digital e da inteligência artificial) e de outro há a crise dos partidos políticos, a fragilização do Estado nacional e o enfraquecimento das políticas sociais, que deixarão a amplos segmentos da população ainda mais desassistida.

Em suma, os empreendedores de hoje precisam encarar a história como um processo que é socialmente construído, em que o futuro está aberto e depende de comprometimento. Não há um fim da história, como enunciava o



economista Francis Fukuyama nos anos 1990, tampouco há uma noção a-histórica sobre o progresso da sociedade, como resultado da maximização dos interesses individuais mediadas pelo mercado. O futuro está aberto e depende das relações entre os homens, dos projetos políticos, de sua construção.

Temos profundos dilemas para enfrentar nos próximos anos: como produzir e preservar o meio ambiente ao mesmo tempo? Como garantir a disseminação do uso da energia limpa? Como se valer das grandes inovações tecnológicas, sem destruir o mercado de trabalho? Como reduzir a sensação de anomia social, em que o individualismo vai corroendo a sensação de que compartilhamos o projeto de uma mesma nação e de que somos parte de uma mesma comunidade?

Hoje, mais do que nunca, não será possível pensar em crescer, inovar e gerar novos empreendedores sem que busquemos reduzir as fraturas políticas e sociais atualmente existentes. Precisamos sair do plano da emergência econômica, do imediatismo, para voltar a pensar em um projeto verdadeiramente coletivo, em que todos os atores sociais devem assumir seus papéis e responsabilidades. Ser empreendedor no século XXI, cada dia mais, será aproveitar oportunidades, mas, acima de tudo, atuar em prol de atividades que defendam o benefício coletivo, um bem-estar material mínimo para toda a população, que respeite os limites do meio-ambiente e da coesão social, valorizando aspectos da cultura e da ciência nacional.

Nesse sentido, uma educação empreendedora deve formar estudantes com habilidades e atitudes inovadoras, menos como instrumento profissional e de oportunidades de negócios, com valores coletivos, de ação em prol do desenvolvimento da sociedade. Retomar as histórias de nossos empresários é buscar inspiração naqueles que, de alguma forma, estiveram também comprometidos em pensar e construir um país, tarefa mais que urgente para nossa atual geração.

Referências

Marcovitch, J. (2003; 2005; 2007). *Pioneiros e Empreendedores*. Vol. I, II e III. São Paulo: Edusp.



Marcovitch, J., & Saes, A. M. (2018). *Pioneirismo e educação empreendedora: projetos e iniciativas*. São Paulo: FEA-USP/ComArte. Disponível em: <<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/192>>.

PEEE. (2018). *Plano Estadual de Educação Empreendedora*. Material de apoio ao currículo da Educação Básica. São Paulo: Assembleia Legislativa.